



## 5º UNICULT

### O DESOCULPADO

Autor(es)

---

#### 1. Introdução

---

#### 2. Objetivos

---

#### 3. Desenvolvimento

---

Desoculpado

- Como assim minha culpa? Você não tem coragem de encarar a verdade e eu que sou o culpado? Você só pode ter pirado de vez! E NÃO GRITE COMIGO! PLAAHHHH... Após desligar o telefone enfurecido, afinal não conseguira acreditar no que acabara de ouvir de sua própria mãe, e exatamente a cinco minutos para meia-noite, retirou sem demora os cigarros do bolso rasgado que completava a composição da calça jeans maltrapilha que Roger compreendia a si mesmo. Cabelos por lavar, mãos grossas, sujas e sempre úmidas de suor. Quando as pessoas inquiriam-no, dizia que não podia controlar o suor das mãos e que o mal aspecto de sua aparência provinha então por conseguinte. O primeiro e profundo trago enlevou-o instantaneamente a uma postura hermética, como uma locomotiva ao se alimentar de carvão, - ou como Iggie Pop quando se aventurava pelos próprios canos. Bateu em caminhada, firme e compassada, com olhar fixo no horizonte; sua obstinação no olhar era tamanha, que evidenciava claramente que mirava lugar nenhum, e até mesmo os transeuntes mais desatentos percebiam naquele homem de olhar fixo e avermelhado de cachaça ou de ganja – talvez dos dois - uma queda livre nas mais frias bibocas das ruas estreitas daquela cidade escura e esquecida por quem nunca se lembrou da mesma. Sua sombra chapada no asfalto desenhava a silhueta do jovem num cambaleio que circulava-o aparecendo e desaparecendo gradualmente poste por poste, com suas luzes alaranjadas, ficavam pra trás. Naquele breu, passos determinados, olhar que só um espírito inquieto no auge de seu desalento compreenderia. Alguém, além, aquém, enfim; algo temerosamente desconhecido afligia o âmago do nosso anti-herói. No tocante às condições daquela ocasião, nuvens negras carregavam o céu acima de sua cabeleira suja, enquanto uma forte neblina invadia as ruas daquela madrugada intempestiva. Quando num trago profundo, seu olhar fixo foi invadido por uma luz que seria ofuscante caso não houvesse nebulosidade. A luz se aproximava velozmente mas ainda não era identificável, porém, por cima de um viaduto, lugar onde atravessava, era muito provável a aproximação de um automóvel, algo que sua mente perturbada, confusa, aérea e distorcida, não reconhecia tão brevemente. Azar, pois, seu desespero inexplicavelmente foi inflando-se como seu pulmão enfumaçado: - Maldita luz, que diabos é essa p..? SAI PRA LÁ C...!!! -

gritou energicamente fazendo ecoar pela cidade solitária sua rouquidão mórbida. Suas mãos suavam aos pingos e quanto mais tentava secá-las em vão, maior sua angústia diante do maldito farol que apontava sua testa. Estendeu as mãos na tentativa de cobrir as luzes e reconhecer o que exatamente se aproximava com tamanha violência. A frase de sua mãe ainda repercutia naquele cérebro esponjoso de tanta pedra e cola que inalara nos últimos meses. Vivia mais intensamente que nunca seus conflitos existenciais, ao ponto de pensar em mandar-se de vez daquele cruzamento de fenômenos que invadia sua vida a cada segundo, não conseguia recuperar sua auto-estima, enquanto se culpava por todos os problemas do universo. Sem vacilar, prumou-se à beira do viaduto e flexionou os joelhos para efetivar o que imaginava ser a grande solução de todos os problemas de sua maldita vida. Libertação, gozo, adrenalina, fuga, vida nova e todas as boaventuranças o estimulavam a realizar seu vôo infinito; até um leve sorriso ameaçou surgir em seus lábios enquanto fechava os olhos com a cabeça altiva. O último suspiro profundo e aliviado se dava quando aquela luz munida de uma ensurdecidora buzina avançou em sua direção fugazmente. Olhou aturdido e não conseguira nem mesmo demonstrar seu espasmo, pois, num movimento brusco, o carro simplesmente desviou-se de seu corpo e lançou-se em direção ao nada, em queda livre. No exato momento que o carro arrancava os beirais rumo ao abismo metropolitano, o senhor motorista, inconformado, com os olhos esbugalhados em sangue, de ira e raiva daquela maldito desocupado que pôs-se em seu caminho, fazendo-o lançar-se acidentalmente para fora de seu trilho a caminho da morte certa. Fitou nosso ante-herói bem nos olhos- também flamejantes- e rogou sua maldição: - É TUDO CULPA SUA SEU FILHO da da puuuuuuuuuuuuuuu..... Em choque, nosso amigo se manteve pasmo à beira do viaduto, sem ação nem reação. Não podia haver pior frase naquele instante para torná-lo ao desespero de tal modo, que não se via mais apto a saltar e livrar-se de todo o mal. Seu sentimento de culpa naquele instante consumia-o pelas entranhas e não havia perdão que o consolasse jamais. Perdedor que achava-se, virou-se a caminho de não sei onde, levando consigo sua sombra chapada no asfalto que o cercundava poste a poste. Não sabia para onde seguia, mas tinha certeza que era o culpado pela desgraça de todos, e que não era digno nem mesmo de acabar com a própria vida, pois deveria sofrer o seu peso como pedido de desculpas.

#### **4. Resultados**

---

#### **5. Considerações Finais**

---

#### **Referências Bibliográficas**

---